



TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS, EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS: DIFERENTES OLHARES SOBRE O LUGAR DA MULHER NA SOCIEDADE

Social transformations, experiences and livingness: different perspectives on the place of women in society

Transformaciones sociales, experiencias y vivencias: diferentes miradas sobre el lugar de la mujer en la sociedad

Úrsula Tostes da Silva¹ 

Marcos Clair Bovo² 

RESUMO

O papel da mulher na sociedade brasileira alterou-se significativamente a partir da segunda metade do século XX e nas primeiras décadas do século XXI, sendo que o mesmo foi influenciado pelos movimentos feministas, pelas transformações econômicas, sociais e culturais. Tais transformações possibilitaram as mulheres o acesso à educação, o direito de optar por ter filhos ou não, à carreira profissional, etc. Os resultados indicam que os movimentos feministas deram à mulher novas possibilidades, como possuir direitos civis, políticos e ter direito de escolhas, porém ainda há muito o que se possa fazer para assumir de maneira plena os lugares no trabalho, em casa e na sociedade efetivamente, de modo que não sejam mais submissas aos homens e sejam donas de seus corpos. Diante disso, o artigo objetiva analisar as transformações sociais, experiências e vivências dos diferentes lugares ocupados pela(s) mulher(es) nas últimas décadas do século XX e nas primeiras décadas do século XXI. O aporte metodológico consiste em entrevistas com doze mulheres por meio de um roteiro de questões semiestruturadas, levando em consideração os aspectos relacionados à profissão, à etnia, à família, os papéis desempenhados dentro e fora de casa e o nível educacional.

Palavras-chave: Mulher; feministas; perfil.

ABSTRACT

The role of women in Brazilian society has changed significantly from the second half of the 20th century and the first decades of the 21st century, and it was influenced by feminist movements, economic, social and cultural transformations. Such transformations made it possible for women to have access to education, the right to choose whether or not to have children, a professional career, etc. The results indicate that feminist movements have given women new possibilities, such as having civil and political rights and the right to make choices, but there is still much that can be done to fully assume their places at work, at home and in society effectively, so that they are no longer submissive to men and are masters of their bodies. Therefore, the article aims to analyze the social transformations, experiences and livingness of the different places occupied by women in the last decades of the 20th century and in the first decades of the 21st century. The methodological contribution consists of interviews with twelve women through a script of semi-structured questions, taking into account aspects related to profession, ethnicity, family, roles played inside and outside the home and educational level.

Keywords: Woman; feminists; profile.

¹ Mestre em Sociedade e Desenvolvimento pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) - Campus Campo Mourão. **E-mail:** ursulamesmo@yahoo.com.br

² Doutor em Geografia. Docente do Curso de graduação Geografia e do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Sociedade e Desenvolvimento da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), Líder do grupo de Estudos Urbanos da FECILCAM (GEURF). **E-mail:** mcbovo69@gmail.com

RESUMEN

El papel de la mujer en la sociedad brasileña cambió significativamente a partir de la segunda mitad del siglo XX y en las primeras décadas del siglo XXI, siendo que el mismo fue influenciado por los movimientos feministas, por las transformaciones económicas, sociales y culturales. Estas transformaciones han permitido a las mujeres tener acceso a la educación, el derecho a elegir tener hijos o no, a la carrera profesional, etc. Ante esto, el artículo tiene como objetivo analizar las transformaciones sociales, experiencias y vivencias de los diferentes lugares ocupados por la(s) mujer(es) en las últimas décadas del siglo XX y en las primeras décadas del siglo XXI. El aporte metodológico consiste en entrevistas con doce mujeres por medio de cuestiones semiestructuradas, teniendo en cuenta los aspectos relacionados a la profesión, la etnia, la familia, los roles desempeñados dentro y fuera de casa y el nivel educativo. Los resultados indican que los movimientos feministas han dado a la mujer nuevas posibilidades, como poseer derechos civiles, políticos y tener derecho a elegir, pero aún hay mucho que se pueda hacer para asumir de manera plena los lugares en el trabajo, en casa y en la sociedad efectivamente, de modo que no sean más sumisas a los hombres y sean dueñas de sus cuerpos.

Palabras-clave: Mujer; feminista; perfil.

INTRODUÇÃO

Este artigo objetiva analisar as transformações sociais, experiências e vivências dos diferentes lugares ocupados pela(s) mulher(es) a partir das últimas décadas do século XX e nas primeiras décadas do século XXI. Para tanto, pontuamos as mudanças sociais relacionadas à trajetória de vida quando comparadas à das mães e avós, principalmente no que se refere à vida profissional, à educação à sexualidade, ao casamento, às diferenças na criação de meninas e meninos, ao relacionamento com as mães e a liberdade que possuem.

Assim, as transformações vividas por essas mulheres na contemporaneidade são tomadas neste artigo como consequências das mudanças socioculturais que marcam a atualidade. Logo, para pleitear este tema, levamos em consideração não apenas as trajetórias de vida delas, mas também os fatos históricos que marcaram e servem de base para compreendermos a relevância do desenrolar de vida de cada indivíduo.

Para melhor compreensão de como as transformações sociais modificaram a vida das mulheres nascidas na segunda metade do século XX e que hoje assumem suas vidas, possuem carreira profissional, cuidam da casa, dos filhos, necessitamos trazer à baila alguns questionamentos: Em que a vida dessas mulheres difere das mães? Das avós? Qual(is) o(s) lugar(es) que essas mulheres ocupam na sociedade? E em casa, como elas lidam com as diferenças e divergências que surgem a sua volta, vivendo as mudanças que o novo século trouxe?

Diante disso, as primeiras décadas do século XXI são marcadas por mudanças significativas no cenário sociocultural, pois as mulheres passam a ocupar lugares que até então apenas homens

tinham o direito de estar, além disso, a discussão sobre as transformações sociais também nos levam a conceber as lutas dos movimentos feministas para que elas chegassem até aqui, pois para que essas mulheres pudessem ter acesso à educação, ter direito a optar por ter filhos ou não, optar por uma carreira profissional ou deixá-la para cuidar da casa e dos filhos ou ainda manter a carreira e cuidar da família, foi preciso que outras mulheres lutassem em prol desses direitos e a não serem mais submissas aos homens e serem donas de seus corpos.

Assim sendo, o artigo encontra-se estruturado em quatro tópicos, sendo que o primeiro está pautado no lugar e de que maneira as transformações sociais modificaram e modificam a vida das mulheres. Já no segundo tópico, versaremos sobre o perfil dessas mulheres, sobre o trabalho, sobre como lidam com as várias situações que lhes são apresentadas. Na sequência, apresentamos o aporte metodológico e, por fim, no último tópico, abordaremos as questões relacionadas às transformações na vida das mulheres a partir das entrevistas realizadas com doze mulheres de diferentes classes e faixas etárias de três Estados brasileiros: Espírito Santo, Minas Gerais e Paraná, em que foram analisados os discursos.

MATERIAIS E MÉTODOS

O aporte metodológico da pesquisa consiste em entrevistas realizadas com doze mulheres de diferentes faixas etárias, nível de escolaridade e classe social. Para tanto, o roteiro de entrevista constituído de sete questões semiestruturadas levou em consideração alguns fatores como a profissão, a etnia, a família, os papéis desempenhados dentro e fora de casa, o nível educacional, dentre outros. É necessário ressaltar que devido à Pandemia da Covid-19, os encontros ocorreram via Plataforma *Google Meet*, sendo que todas foram previamente agendadas com as participantes. As entrevistas ocorreram de agosto a dezembro de 2020.

O caminho percorrido para chegar até essas mulheres foram três: algumas foram indicações de professores, outras indicações de colegas e outras foram por meio de laços estabelecidos. A origem dessas mulheres é variada, entrevistamos mulheres de três Estados: Minas Gerais, Espírito Santo e Paraná. Destacamos também que para preservar a identidade das participantes, utilizamos nomes fictícios de personagens femininas presentes em obras literárias de Erico Verissimo, Machado de Assis, Maria José Dupré e José Saramago. Evidenciamos que os nomes dados às entrevistadas foram escolhidos conforme a personalidade delas e das personagens escolhidas serem semelhantes.

As participantes da pesquisa tiveram liberdade para responder aos questionamentos, principalmente as questões relativas à falta de comunicação com as mães sobre sexo, namoro,

histórico familiar (mães, avós), a história delas mesmas em relação às adversidades, as conquistas profissionais e pessoais de cada uma, a forma como as entrevistadas casadas conduzem a vida profissional e a pessoal. Todas as entrevistas foram transcritas e analisadas criticamente pelos pesquisadores.

DOS LUGARES ÀS TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS: REFLEXÕES SOBRE AS MUDANÇAS NA VIDA DAS MULHERES

Quando discorremos sobre a transformação social, muitas vezes, não imaginamos o que ela tem a ver com o lugar. Transformação social significa uma mudança da sociedade ou de seu modo de organização, as mudanças na sociedade têm acontecido de maneira cada vez mais rápida, mas quando tratamos de transformações relacionadas às mulheres, compreendemos que essas ocorrem devagar, principalmente porque a vida da mulher sempre esteve vinculada à instituição familiar.

Mas o que a transformação social tem a ver com o lugar(es)? E o que ambos têm a ver com as mulheres?

Em um primeiro momento, pode parecer que essas três palavras não possuem ligação alguma, pois todas possuem significados diferentes, mas quando as colocamos em um único contexto, buscamos entender como as transformações sociais juntamente com o(s) lugar(es) têm a ver com a vida das mulheres.

Entendemos espaço e lugar como palavras que estão diretamente relacionadas, embora Tuan (2013, p. 03) nos afirme que: “espaço e lugar são termos familiares que indicam experiências comuns” e que enquanto o espaço nos dá a liberdade, o lugar nos traz segurança, mas quando se trata das mulheres, como podemos associar tais conceitos?

O Lugar de acordo com Tuan (2013) faz parte do mundo em que vivemos, sendo assim, o lugar também proporciona experiências e vivências. Diante disso, para Tuan (2013, p. 09) “a experiência é um termo que abrange diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade”, por meio das experiências e vivências que as pessoas se inserem em um dado lugar. Logo, experienciar remete a aprender a partir da própria vivência.

Assim, ao tratarmos do lugar, compreendemos que nele estão contidas as experiências vivenciadas por aqueles que o ocupam, daí trazer a definição de Carlos (1996, p. 13) ao asseverar que: “o lugar se refere de forma indissociável ao vivido, ao plano imediato”. À vista disso, buscamos compreender qual(is) é/são os lugares que a mulher ocupa dentro da sociedade diante das transformações ocorridas na mesma, ou seja, se entendemos que o lugar está diretamente vinculado

ao que é vivido de maneira imediata, significa que junto a ele estão as transformações sociais, e isso inclui as mudanças acontecidas na vida da mulher no decorrer dos tempos.

É relevante observarmos a comunicação existente entre os meios públicos e privados, dado que eles se entrelaçam em vários momentos, dessa forma entendemos que o lugar se distingue do espaço conforme Marinho (2016) nos apresenta ao afirmar que o primeiro não possui relações peculiares, mas também as que estão predispostas entre o homem-lugar. Destarte, ao falarmos do lugar, apontamos as identidades daqueles que estão inseridos nele.

Assim, percebemos as transformações experienciadas pelas mulheres nascidas na segunda metade do século XX e como elas passaram a ocupar o(s) lugar(es) dentro da esfera privada (o lar) e na esfera pública, passamos a compreender as mudanças sofridas pela sociedade e de que maneira elas alteraram a vida e o comportamento das mulheres e da sociedade em que vivem.

Ao tratarmos do lugar, não podemos deixar de defini-lo como o lugar concreto, que está diretamente associado ao pertencimento, visto que o lugar também está relacionado às condições sociais, contudo as condições em que se encontram caracterizará ou não o acesso de cidadania. Isso posto, Ribeiro (2017, p. 14) nos assevera que o lugar de fala: “é um debate estrutural” não procedendo “somente das experiências individuais”, mas de “entender como o lugar como certos grupos sociais restringem oportunidades”.

Os conceitos de lugar revelam-nos várias definições, mas mesmo com as transformações sociais, concebemos que as mulheres no decorrer do contexto histórico não ocuparam e não ocupam seu lugar de fala, já que por muito tempo elas não tinham sequer o direito de escolha, sendo oprimidas pelo grupo dominante, no caso, os homens, os detentores do poder.

Assim sendo, as transformações sociais por meio dos os movimentos feministas contribuíram para as mudanças das estruturas sociais de tal maneira que as mulheres não só asseguraram os direitos civis, políticos e sociais como também reivindicaram e lutaram para que pudessem ocupar o lugar público. Diante disso, ocorreram mudanças na sociedade que possibilitaram que a mulher desempenhasse outro papel dentro da família, não ocupando apenas o lugar de mãe, dona de casa e esposa, com isso, a dinâmica da família sofre alterações, pois a mulher torna-se provedora do lar ou ainda tendo a mulher e o homem como provedores, ou ainda apenas a mulher.

As transformações sociais muito têm a ver com as mulheres e os lugares, dado que sem a primeira não é possível que a segunda esteja nos lugares. Apesar das mulheres nascidas na segunda metade do século XX passarem a ocupar lugar(es) dentro do espaço público, isso não as dispensou de continuar ocupando o espaço privado, já que as tarefas domésticas ainda continuam sendo delas. Diante disso, percebemos que as mulheres transitam entre os espaços públicos e privados,

procurando suprir as necessidades de poder e ter de trabalhar, sustentar a família e concomitante a isso passam a ocupar outro lugar dentro de casa porque, muitas vezes, são elas quem sustentam a família.

AS TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS SOB O PONTO DE VISTA DO LUGAR: O QUE PENSAM AS MULHERES?

Neste tópico buscamos tecer reflexões sobre as transformações socioeconômicas ocorridas na vida das mulheres, identificando o(s) papel(eis) e lugar(es) que ocupa (ocupam) dentro de uma sociedade contemporânea, para tanto temos como recorte temporal a segunda metade do século XX e os primeiros vinte e dois anos do século XXI. Assim sendo, a análise do lugar é essencial para compreendermos as experiências vivenciadas pelas mulheres.

À vista disso, faz-se necessário retomar alguns conceitos, dentre eles o conceito de lugar que para nós parte do olhar da Geografia, dado que para ela, o lugar está diretamente ligado à existência dos seres humanos. Posto isso, compreendemos que o(s) lugar(es) também é (são) agente(s) de transformação social, outro fator relevante está contido no fato das mulheres sempre terem lutado para conquistar diferentes lugares dentro da sociedade brasileira.

Ao trazermos à baila as questões voltadas para as transformações sociais vivenciadas por essas mulheres, recorreremos aos movimentos feministas que tiveram início no fim do século XX e início do século XXI, sendo que esses movimentos são fatos recentes na história das mulheres, para tanto as lutas foram travadas para que elas pudessem participar da sociedade em busca de autonomia, independência pessoal ou política, ou ainda por questões relacionadas ao seu próprio corpo, como também voltadas para o trabalho e estudo.

Assim sendo, todas essas questões foram vivenciadas e experienciadas por inúmeras mulheres por meio dos movimentos feministas que deram a elas à possibilidade de votar, de estudar, trabalhar e optar por serem mães ou não, serem donas de seus corpos. No entanto, as mulheres ainda precisam lutar para ocupar seu(s) lugar(es) dentro da sociedade nos espaços públicos e privados. Tais lutas sempre foram constates, e uma delas foi ter o direito ao voto, contudo não eram todas as mulheres que tinham esse direito garantido, apenas as mulheres oriundas de famílias abastadas e brancas, excluindo, assim, a maioria da população feminina que era pobre e analfabeta, conforme afirma Monteiro (2008).

Para Monteiro (2008, p. 35), as mulheres tiveram várias conquistas a partir da década de 1960 que fizeram gerar impacto na sociedade: “não apenas da ordem social imposta, mas também dos princípios e valores que a sociedade se alicerça”, assim toraram-se mais participativas nas áreas

voltadas às questões políticas e sociais. É nesse sentido que Castells (2018, p. 171-172) corrobora com a autora ao afirmar que essas transformações ligadas à conscientização e valores das mulheres impactaram diferentes sociedades e trouxeram efeitos essenciais para “toda experiência humana perpassando pelo “poder político até a estrutura da personalidade”. O mesmo autor ainda propõe que as transformações sociais ocasionaram novos desafios para que as mulheres ocupassem diferentes lugares nas esferas públicas e privadas a partir da segunda metade do século XX.

Diante disso, Castells (2018, p. 171) pontua que essas circunstâncias foram favoráveis para que tais mudanças acontecessem, “já que as ideias feministas estavam presentes há mais de um século se não mais”. Embora Castells (2018) nos traga esta ideia, ele nos traz hipóteses que corroboram para que as mudanças acontecessem, dentre elas, o autor cita as transformações econômicas, as educacionais e a abertura de mercado de trabalho e essas quando associadas à “abertura de oportunidades para as mulheres no campo da educação”.

Assim sendo, Castells (2018) evidencia que além da educação, ocorreram várias mudanças tecnológicas atreladas às áreas da farmacologia, da biologia e da medicina, que possibilitaram às mulheres um maior controle, não somente sobre a gravidez, mas também sobre a reprodução humana, já que elas podiam optar por ter filhos ou não, e se os quisessem, quantos gostariam de ter. E concatenadas a essas duas áreas, ainda encontram-se as transformações econômicas e as tecnológicas, ambas atingiram o patriarcalismo a partir do desenvolvimento feminista, principalmente os que frutificaram a partir do movimento feminista dos anos de 1960.

Destarte Monteiro (2008) aponta que independente da mulher ocupar lugar(es), seja na vida pública ou na vida privada, ainda existem agentes sociais que persuadem a condição da mulher, como exemplo podemos citar a dependência econômica, falta de oportunidades ou ainda aquelas que vivem sob a ordem do marido. Associados a esses agentes, outros pontos que interferem no desenvolvimento de uma sociedade justa estão o preconceito, o pensamento ultrapassado e também o gênero. Tais fatores influenciam no(s) diferente(s) lugar(es) que a mulher ocupa dentro da sociedade, dado que o gênero imiscui-se de maneira direta na definição de mulher e o papel que ela desempenha na sociedade.

Assim, a primeira onda feminista teve por objetivo lutar pela emancipação feminina, estando presente em várias classes sociais. De acordo com França (2014, p. 22), nesse período houve o aumento da produção de teoria feministas e dos movimentos sociais, mormente no que tange ao gênero e auxílio no que diz respeito à concretização do que a pesquisadora define como: “representação de identidades de homens e mulheres” já que ambos são sujeitos sociais. Enquanto os movimentos europeu e americano tinham como premissa a luta política, acadêmica e

emancipatória, no Brasil, esse movimento tinha como luta o direito ao voto, fato que foi concretizado em 1934.

É nesse sentido que França (2014) pontua que o movimento feminista foi organizado, e mesmo fora dele, é possível construir: “táticas de confronto” contra a Igreja, ao poder masculino e ao Estado. Essas três instituições por muito tempo mantiveram as mulheres dentro do ambiente privado, é possível compreender essa afirmação a partir do pensamento de D’Incão (2004) que nos mostra que à mulher cabia ocupar o papel dentro do lar, cuidar dos filhos, da casa e do marido, assim a mulher, de acordo com as leis vigentes da época, era propriedade do marido.

Para Ribeiro (2017, p. 07), a condição da mulher foi sendo moldada de acordo com a construção ideológica da Igreja e para isso, os homens tiveram participação efetiva, dado que a Igreja, a medicina e o direito eram instituições criadas e dirigidas por homens. Assim, “foram os homens que atribuíram um lugar às mulheres”, estabelecendo a elas que lugar(es) deveriam ocupar, “garantindo a elas o papel de mãe, esposa e dona de casa”. Enquanto ao homem cabia ocupar o papel fora de casa, ou seja; os lugares públicos, a eles era instituído o poder, a eles cabia dominar a mulher, sendo donos de suas vidas e seus corpos.

É nessa direção que França (2014, p. 46) aponta outros dois fatores substanciais atuantes na construção de poder que são os discursos médicos e os discursos religiosos. A pesquisadora destaca o médico Cesare Lombroso, pertencente à corrente evolucionista italiana “que no século XIX vinculava às mulheres características negativas similares as das crianças como: exagerado ciúme, tendência à vingança e um senso moral deficiente”. De acordo com França (2014), tais características negativas seriam amortecidas pela maternidade e outras atitudes que colocavam a mulher em situação de inferioridade.

Assim sendo, “o discurso religioso também participa da naturalização da forma do que é ser mulher quando se relaciona a punição de Deus aos primeiros seres humanos Adão e Eva por terem comido o fruto proibido, perpetuando a mulher como traidora e perigosa”, conforme pontua (FRANÇA, 2014, p. 46-47).

Diante dos fatores apontados, compreendemos que a dissemelhança entre homens e mulheres eram pautadas nos costumes e tradições das famílias brasileiras. O papel desempenhado pela mulher era consequência dos discursos médicos e religiosos cabendo a elas a responsabilidade da manutenção do lar, a harmonia da casa, os cuidados com os filhos, bem como a subordinação, primeiro ao pai, aos irmãos e depois ao marido.

Destarte, as transformações sociais ocorridas por meio dos movimentos feministas contribuíram para uma participação mais efetiva da inserção das mulheres na sociedade brasileira. Assim, as mulheres brasileiras brancas e da alta sociedade passaram a exercer o seu direito de votar,

todavia, a maior parte da população brasileira que era analfabeta e pobre não podia exercer esse direito. Um ponto a ser observado é que mesmo as mulheres que tinham o direito à educação, quando instruídas, tinham o mínimo de conhecimento, precisam saber ler e escrever o mínimo apenas para administrar o lar.

Os movimentos feministas possibilitaram a mulher a trabalhar fora de casa, e a profissão que contribuiu para a inserção no mercado de trabalho foi o magistério, ainda que essa profissão estivesse diretamente ligada ao cuidar, papel este que a mulher já desempenhava dentro da família. A partir daí a mulher passou a sair de casa e passando a ocupar um lugar no espaço público e a participar do contexto social.

No cenário das transformações sociais, percebemos que as mulheres nascidas na segunda metade do século XX possuem outras perspectivas sobre a vida, o trabalho e sobre si mesmas. Essas mulheres trazem consigo uma série de conquistas originadas dos movimentos feministas da década de 1960 e 1970 que contribuiram com as novas gerações de mulheres, garantindo o direito sobre os seus corpos e a possibilidade de ser mãe ou não. Todavia, as transformações advindas das conquistas dos movimentos feministas, das inovações tecnológicas e das transformações sociais não foram suficientes para sanar as lacunas impostas pelo patriarcado, é por isso que ainda as mulheres desempenham funções que lhes são impostas pelos homens, e tal condição é cultural, porém pode ser modificada, dado que se existe um contingente inteiro de mulheres que não faz parte da sociedade, essa cultura precisa ser modificada, conforme pontua Adichie (2014).

É necessário ressaltarmos que outras transformações sociais aconteceram com a chegada do século XXI, as mulheres passaram a cursar cursos até então predominantemente masculinos, ocupando cargos que até os fins do século XX eram preenchidos por homens, de modo que boa parcela das mulheres que trabalhava fora também era provedora da família, de tal maneira que elas dividiam as contas da casa com os maridos ou ainda assumiam as casas e os filhos sozinhas. Nesse sentido, as mulheres podem optar por ter filhos ou não e se os tiver optar por não trabalhar e educá-los, podem casar e não ter filhos ou tê-los e continuar a trabalhar. Portanto, as transformações deram às mulheres possibilidades que vão de viver sozinhas a administrar empresas.

A geração de mulheres que chega ao século XXI, diferente das mulheres das gerações anteriores, tem a possibilidade de escolher, contudo, algumas práticas existentes ainda são as mesmas do tempo das bisavós e avós. Na geração de nossas mães, avós e bisavós, a maior parte das tarefas era feita não porque lhes era dada a possibilidade, mas por obrigação, como já dissemos, foram os homens que impuseram às mulheres determinadas tarefas domésticas, tais tarefas tornaram-se uma obrigação para mulher, portanto o cuidar da casa, educar os filhos ainda são

tarefas direcionadas apenas à mulher, tudo isso gera uma sobrecarga que em sua totalidade não é valorizada e tampouco discutida em casa.

Ainda que as mulheres venham conquistando direitos e ocupando lugar(res) nos espaços privados e públicos, que as transformações sociais e econômicas tenham trazido benefícios para elas, ainda é necessário que as mulheres lutem para ocupar lugar(es) que lhes são de direito.

AS TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS: REFLEXÃO A PARTIR DO PONTO DE VISTA DAS ENTREVISTADAS

Quando nos referimos às transformações que se deram na sociedade, principalmente nas que disfrutaram dos ganhos das gerações anteriores, compreendemos que existem transformações no que diz respeito ao perfil(is) das mulheres, dado que essas que chegaram às primeiras décadas do século XXI já fazem suas escolhas pessoais, profissionais e isso indica a mudança em vários aspectos da vida.

Assim sendo, as entrevistas realizadas com as mulheres apresentam uma radiografia das transformações ocorridas na sociedade que impactaram de forma positiva a vida delas principalmente a partir dos movimentos feministas ocorridos no século passado. Diante disso, trazemos na sequência reflexões relacionadas às diferenças entre elas e às demais mulheres de suas famílias, questões ligadas a fatos das histórias de suas mães, avós, da relevância delas para a construção de suas identidades e de suas famílias, as vivências e experiências com as mães, por exemplo o que se relaciona ao sexo, a submissão ao marido, a dificuldade que possuem em se relacionarem, por outro lado, há mulheres que confiam na mãe podendo contar tudo a ela.

De um modo geral, os encontros nos deram informações relevantes sobre nossas participantes, sobre os acontecimentos que não apenas marcaram suas vidas, mas também as fizeram enxergar sob outro ponto de vista, foi possível reconhecer em cada uma a força, a determinação e a vontade de serem livres e usufruírem dessa liberdade de maneira plena. Tais impressões serão apresentadas no decorrer deste tópico, assim como as histórias, as conquistas e também as decepções de cada uma delas.

No decorrer do tempo, muitas transformações ocorreram, sobretudo, as que aconteceram na segunda metade do século XX devido a Segunda Onda Feminista. Transformações que alteraram e influenciaram a vida das pessoas, das gerações, mas precipuamente a vida das mulheres. Nessa categoria debruçamo-nos sobre as transições das entrevistas que as influenciaram e como elas olham para si e para os que estão a sua volta.

O primeiro ponto a ser analisado se refere à forma como as participantes desta pesquisa vivenciam as transformações, a maneira como criam seus filhos, o que mudou e o que permanece, os comportamentos diante das mais variadas situações e atrelado a tudo isso, está também o olhar que elas têm para a sociedade em que vivem.

Nos discursos analisados, todas elas expuseram um pouco da história das mulheres de suas famílias, as avós e as mães, sobretudo, a maneira como elas foram criadas e como isso as influenciou na criação de seus filhos. Logo, entendemos que as mudanças não acontecem de uma mesma forma para todas. As transformações ocorreram principalmente no campo do trabalho e do estudo, pois a maioria das avós e das mães não teve a oportunidade nem de trabalhar nem de estudar.

Para Capitu, ocorreram várias mudanças na sociedade: *“a primeira coisa é em relação à educação, a própria formação. Outra questão é a forma de encarar o mundo, é claro que isso muda de geração para geração, mas em relação à mulher que eu sou para a mulher que a minha mãe é, apesar dela lutar muito”,* para ela as perspectivas são diferentes.

Capitu durante a entrevista relembra de quando era criança: *“[...] eu assistia o Fantástico e eu via aquelas jornalistas fazendo reportagens em vários lugares do mundo e eu ficava encantada! [...] pela oportunidade de conhecer lugares diferentes, pessoas, culturas. E por muito tempo o meu sonho foi ser jornalista para viajar o mundo”.*

Destarte, Capitu sempre buscou a sua independência, vejamos o que ela diz:

A primeira oportunidade que tive condições financeiras e idade o suficiente para viajar, conhecer os lugares, pus a mochila nas costas e fui. Essa atitude levou um certo tempo para a minha mãe conseguir entender isso. Nessa minha perspectiva, se tem algo que eu quero, vou correr atrás e não preciso estar junto com outras pessoas ou com namorado, amiga para fazer essas coisas. É simplesmente ir e fazer, eu vou ter que lidar com as consequências por estar ali sozinha, mas é algo que penso (CAPITU, 2020).

Outro ponto abordado por Capitu refere-se ao pensamento de morar sozinha, porém existe uma preocupação por parte da sua mãe por achar que não deve morar só e que precisa ter alguém. Para Capitu:

Vejo que eles ainda têm essa concepção de que marido cuida, protege a sua família, a mulher não! Eu percebo que existem formas diferentes de enxergar o mundo. Eu gosto de sair à noite, ir para um barzinho com as minhas amigas, tomar um sorvete, mas a minha mãe é de uma geração que não faria esse tipo de coisa, a vida dela está mais voltada para dentro de casa, para cuidar dos filhos, do marido, do almoço, da janta, tudo bonitinho, tudo na hora certa, mesa posta para ele. Eu não tenho muito disso (CAPITU, 2020).

Já em relação ao sexo, Capitu destaca que houve muitas mudanças da sua geração para a geração de sua mãe, ela pontua durante a entrevista que sua mãe nunca tocou nesse assunto. Assim sendo Capitu diz:

A minha mãe nunca conversou comigo sobre sexo. Então, o que aprendi foi na escola, nas aulas de ciências no ensino fundamental e depois também lendo, pesquisando. Sou a caçula e tenho quatro irmãs mais velhas e quando nasci as minhas irmãs já tinham 15, 16 anos e elas também me auxiliaram muito nesse processo. Elas pegavam livros para eu ler sobre, mas muito do que aprendi, aprendi sozinha, por interesse meu de ler, de pesquisar de saber como funciona, mas eu percebo que existe mesmo em mim, apesar de ser de outra geração, uma concepção muito arraigada, que é difícil para desconstruir, que o sexo é algo negativo, é algo que não é confortável para a mulher. E para desconstruir isso é um esforço, envolve terapia, estímulo e tudo mais do que tenha acesso para fazer (CAPITU, 2020).

Por fim, Capitu ressalta que não é culpa dos pais, tendo em vista que eles são reflexos de uma sociedade carregada de tabus. Porém, se: “*eu estivesse em uma família em que esse diálogo fosse mais aberto, mais claro, talvez hoje eu não tivesse essa concepção, o sexo como algo negativo, que parece obrigação para a mulher, porque por mais que hoje eu tenha uma visão ampla*”, diante disso, ela complementa dizendo que: [...] *essa concepção está muito mais arraigada na minha mente e para desconstruí-la não é fácil*” (CAPITU, 2020).

No sentido oposto a Capitu, temos Silvia que pontua: “*Olha, Úrsula, eu vim de uma família que é da Congregação Cristã, uma igreja bem conservadora em questões de hábitos e costumes, eu nasci nessa doutrina, e a mãe da minha mãe, também não me lembro na adolescência ter conversado sobre “isso” com a minha mãe*”. Silvia (2020) pontua que conversava com as amigas na escola. “*Mas essas conversas que pretendo ter quando eu tiver meus filhos*”.

Silvia relata durante a entrevista que: “*a minha mãe casou-se com 15 anos, com 19 anos ela já tinha a minha irmã e aos 27 ela teve o meu irmão e até o nascimento dele não trabalhava fora, ela era totalmente dependente financeiramente do meu pai*”. Quanto ao pai, Silvia comenta que sempre: “*foi um homem muito trabalhador, voltado para a igreja, com esse viés um pouco machista, de que homem tem que trabalhar, colocar comida dentro de casa*”, já a mãe de Silvia, a partir de 2001, começou a trabalhar fora sendo que ela ficava com o meu irmão, na sequência a irmã também começou a trabalhar fora de casa.

Por fim, Silvia fala a respeito da mãe sobre orientação sexual, “*mas em questão de relacionamento sobre sexo, tive pouquíssimas conversas com a minha mãe, mas ela também não teve oportunidade de estudar na infância, ela fez até a 5ª série. Eu não me lembro de nada, de nenhuma conversa com a minha mãe sobre gravidez, sobre sexo, preservativo, sobre nada*” (SÍLVIA, 2020).

Já no sentido oposto à Capitu e Silvia, temos Bibiana: “*vejo mudanças de mentalidade muito claras até em relação ao trabalho, a minha mãe, até por conta desse histórico, ela fala que por sorte tem a profissão, e o objetivo dela é passar num concurso para ter estabilidade*”, para a mãe de Bibiana é importante “*fazer carreira*”

no trabalho, independente se você goste ou não, o importante é ter estabilidade”. Assim, Bibiana relata durante a entrevista que foi: “*criada para entrar na universidade e para fazer o que faço hoje*”, devendo desempenhar esse papel dentro da minha família.

Diante disso, Bibiana pontua os valores recebidos por parte dos seus pais que eram compartilhados, por exemplo:

Em casa é meio assim: cada um tem o seu papel, meu irmão tinha que ser jogador de futebol, minha irmã tinha que casar, e eu tinha que ter sucesso profissional, então fui criada para ser assim. Eles não gostavam nem de imaginar que eu me casasse, meu pai, por exemplo, tinha dificuldade em aceitar os namorados que tive, porque na ideia dele, eu fui imaginada para ser solteira porque para ter sucesso profissional e qualquer relacionamento poderia atrapalhar os seus planos. Já para a minha irmã não, enquanto ela não se casasse, ela não estaria feliz na vida dela, por mais que estivesse infeliz no seu trabalho, então assim: no trabalho a gente se ajeita, o importante é você casar. Essa era a referência. A minha mãe meio que criou nós duas dividindo as suas duas personalidades: a independência profissional e o sonho de se casar e ter filhos, sonho que foi transmitido para minha irmã (BIBIANA, 2020).

De acordo com Bibiana, a sua mãe vê dentro da família os valores transmitidos pelos pais, quanto: “*à compreensão sobre o que é família e o trabalho em sociedade*”, porém ela pontua a sua convivência com a diversidade, com outras experiências “*eu escuto muito, eu quero saber o que o outro pensa, enquanto que elas ainda vivem na mesma bolha social, no mesmo tipo de ambiente que não estimula, isso é a realidade delas, afinal é isso que elas vivem e não consegue ver outra realidade*”. Assim, ela compartilha com a sua mãe as experiências de sua profissão como docente “*eu não queria ser professora de jeito nenhum, mas acabei sendo e hoje eu gosto, mas os mesmos perrengues que a minha mãe passou em termos de estrutura da profissão acabamos compartilhando bastante coisas*”.

Bibiana comenta que pretende estruturar sua família bem diferente da família de sua mãe, portanto: “*não quero reproduzir muitas coisas na minha família, pois eles são bem conservadores*” diante disso ela comentou que: “*a minha mãe não falou de sexo comigo, nunca passou pela cabeça dela. O meu pai prefere nem perguntar, nem pensar, porque ele acha que eu ainda sou virgem, que eu tenho que casar dessa forma*”.

Assim sendo, Bibiana pontua que:

Eles não compartilham dos meus valores e dizem: quando você se casar, quando for com você, você vai ver que não é assim! Ou se fosse o seu filho ou a sua filha, você veria que não é assim. Por exemplo, na minha família seria extremamente difícil se algum primo ou prima fosse da comunidade LGBTQI+L, não tem espaço de aceitação. Os meus pais começaram a conviver com gays porque os meus amigos são, e a fala deles é assim: Ah! Ele é tão legal! Mesmo sendo gay, ele é tão legal. Essas falas, assim, desse jeito, eles nem escutam as coisas que estão falando. Eu pontuo, por exemplo, as falas que a gente tem que são racistas no nosso dia-a-dia, as expressões que a gente usa. Por isso, sou a que bato o pé aqui em casa: - Não, não fala isso, é

preconceituoso, isso é racista, aí eles ficam bravos: - Você fica corrigindo a gente toda hora! Aí eu falo: Não! Eu estou ajudando vocês a serem pessoas melhores! Mas, não tem esse tipo de diálogo mais aberto. Com a minha irmã, eu tenho diálogo um pouco mais aberto porque compartilha um pouco mais dos valores, até porque minha família é bastante religiosa, então, isso os tornam um pouco conservadores em relação a esses temas e discussões (BIBIANA, 2020).

Destarte, Bibiana é bem diferente dos seus pais, possui outra visão de sociedade e procura romper os laços conservadores dos pais aceitando as pessoas realmente como elas são, sem discriminação e com uma mente aberta para a diversidade respeito como elas são.

Por fim, Maria Valéria (2020) expõe que: “*Não houve esse diálogo sobre sexo, eu e minha mãe temos um relacionamento muito bom, embora ela seja muito tímida, por isso não falou nada sobre sexo, falava mais sobre a vida, sobre Deus, sobre conduta, sobre virtudes, sobre valores, sobre postura*”.

Maria Valéria comenta que houve diferença dela em relação ao irmão: “*sempre teve mais liberdade, coisas que nós não tínhamos, que ela era mais rigorosa, talvez por ele ser mais novo*”.

Quanto à mãe de Maria Valéria, ela diz:

A minha mãe trabalhava fora e para mim é uma supermãe. Ela tem um ateliê de costura, já teve dois, hoje apenas um com funcionários. Enquanto que meu pai é aposentado, passivo e gosta de pescar. Minha mãe é nova, tem 63 anos, trabalha, faz academia todos os dias, é superativa, empreendedora, já teve bazar, e bar, agora tem um ateliê, aprendeu a costurar (MARIA VALÉRIA, 2020).

É importante salientar que a mãe de Maria Valéria diverge das demais mães das entrevistas por ter liderança, por ter uma visão além do tempo, por ser empreendedora e por sustentar a família por ganhar mais do que o marido, além do apoio dado aos filhos (a).

A minha mãe sempre trabalhou, sempre ganhou mais do que o meu pai, por isso sempre nos sustentou. Então quem nos impulsionou a estudar, quem nos encorajou a ir para frente foi ela, tanto é que meus irmãos todos estudam. O mais velho está terminando a faculdade agora porque não quis estudar. Por outro lado, a minha irmã está na segunda faculdade, e os três são professores de Educação Física, graças à minha mãe que nos incentivou e incentiva a todos (MARIA VALÉRIA).

Porém, conforme já apresentamos, o incentivo da mãe de Maria Valéria foi fundamental para ela, vejamos o que ela diz.

Ela nos incentivava a tudo, a não se casar cedo, a não se casar com o primeiro namorado, a ter o dinheiro próprio, a trabalhar. Essa visão minha mãe sempre teve, de não casar para ter alguém para sustentar, porque infelizmente hoje ainda existe essa visão. Então a minha mãe sempre

foi assim. Sem dúvidas! O exemplo da minha mãe é a minha referência depois de Deus. Ela é a minha maior referência de empenho e dedicação (MARIA VALÉRIA, 2020).

Nos excertos supracitados, podemos perceber as semelhanças, principalmente no discurso voltado para as mães e avós, é notória a percepção de que as mudanças aconteceram, como disseram Capitu e Sílvia, consideravelmente no campo da educação, pois as mães de ambas não tiveram acesso ao estudo. Por outro lado, são apresentadas as transformações na maneira de pensar, sendo que Capitu entende que as transformações ocorrem na maneira de enxergar o mundo, dado que o olhar muda de uma geração para a outra, portanto as perspectivas das filhas em relação às das mães são outras.

Sílvia diz ter havido transformações, embora poucas, principalmente na falta de diálogo sobre sexo, e da mesma forma de pensar, compartilham Maria Valéria e Bibiana já que todas não tiveram acesso a diálogos com as mães sobre sexo e namoro, mas com as amigas e com as irmãs. Outro ponto relevante, é o fato de Maria Valéria ser casada e ter um filho e como mãe ela pretende ter conversas abertas sobre sexo e outros assuntos, mas mostrando à criança que deve existir respeito e que ela está desempenhando o papel de mãe e não de colega. Um dos discursos que também é relevante dentro desta subcategoria, é a fala de Bibiana que diz compartilhar com a mãe experiências voltadas para o trabalho, mas que ela não compartilha determinadas posturas de sua família, justamente por ter tido a oportunidade de morar em outro Estado e ter experiências nesse campo diferente dos demais familiares.

Se de um lado temos duas mulheres que as mães e avós sempre estiveram dentro de casa, cuidando da família e da casa, do outro temos a mãe de Maria Valéria, que sempre trabalhou fora e sustentou a casa com o dinheiro de seu trabalho, e a de Bibiana que viu no estudo e no trabalho uma maneira de se tornar independente, todavia, dentro do lar não abdicou do papel de mãe, de dona de casa.

Por outro lado, temos entrevistadas que as mães e as avós tiveram e têm uma percepção diferente, um olhar diferente sobre a maneira como conduziram e conduzem suas vidas. Vejamos o que diz Luzia.

Com certeza tiveram várias mudanças. A minha família é em sua maioria mulheres, mulheres muito guerreiras e além do tempo delas. As minhas avós pensam muito além, e para nós, as netas, no meu caso, eu já vim de uma linha de empoderamento formado através do que elas passaram e ao tentar nos proteger, elas já foram nos ensinando o que é a vida e já nos prepararam. [...]. Já a minha mãe ficou um tempo em casa, enquanto nós éramos pequenos, depois começou a trabalhar fora também em fábricas de costura e depois quando nós morávamos em Vitória ela ficou mais em casa, costurando em casa, ela tinha um ateliê em casa (LUZIA, 2020).

Luzia, durante a entrevista, destaca que a sua mãe era tímida para falar sobre sexo: “[...] *mas explicava do jeito dela. Porém, quando o meu pai faleceu ela passou a ser pai e mãe, então ela teve que explicar para os meus irmãos, mas ela explicava bem essas questões. Ela era bem aberta ao diálogo*”. Luzia relembra do falecimento do pai depois da mãe, dos irmãos que casaram, diante disso ela diz “[...] *você se sente na luta do dia-a-dia sozinha. E nós tivemos que amadurecer muito cedo. Nossos pais ensinaram-nos a fazer tudo, cozinhar, trabalhar, se tivesse algum curso para fazer, eles nos incentivavam, eles diziam que não seriam eternos*”. Assim sendo, Luzia pontua “*Eu criei uma responsabilidade muito rápido, porque perdi meus pais muito cedo. A vida sempre foi de luta e é de luta até hoje*” (LUZIA, 2020).

Assim, Helga complementa as ideias apresentada por Luzia ao dizer que:

É tudo muito diferente se for comparar as gerações. A minha avó sempre costurou, por mais que houvesse todo um preconceito, ela sempre procurou ganhar o dinheiro dela, o meu avô trabalhava na roça. E a minha mãe estudou porque tinha que conquistar o espaço dela. E antigamente o dinheiro que a minha vó ganhava era para ajudar em casa, já a minha mãe, o dinheiro era para ela (HELGA, 2020).

Quanto à Liberdade, Helga pontua que é bem diferente de sua mãe e da sua avó “[...] *A minha mãe me ensinou a não ser tão dependente dela, a conquistar o meu espaço. De que forma essas mudanças afetam a minha vida? Mudaram totalmente. Desde que ela engravidou de mim, ela pensava que não seria fácil, porque ser mulher negra seria difícil*”. Para Helga, sua mãe teve muitas dificuldades para conquistar o seu espaço, porém ela: “[...] *sempre me incentivou a estudar, a conquistar o meu espaço, a fazer sempre o melhor que eu pudesse para ser reconhecida por quem eu sou e fazer bem o que eu faço, independente do que seja*” (HELGA, 2020).

Já Leonora em sua entrevista deixa evidente a relevância de ser independente, tanto nos aspectos pessoais quanto no profissional. Vejamos o que diz Leonora:

Eu tenho uma avó do lado da minha mãe, ela sempre trabalhou em casa, é dona de casa, nunca exerceu nada além da casa. O meu avô era comerciante, era ele quem mantinha a casa. E já do lado do meu pai, a minha outra avó sempre foi muito independente, minha avó sempre trabalhou na área da educação, sempre trabalhando, dando aula, sempre exercendo o papel de presidente da APAE. Ela sempre foi muito independente. E o meu avô também trabalhava e os dois mantinham a casa. A minha mãe foi morar fora para estudar, quando ela era nova, só que ela casou cedo, acho que com 23 anos. O meu pai era gerente de banco, então, eles foram morar muito longe do Paraná, a gente morou lá no Norte, eu nasci no Norte. E, assim, a minha mãe era administradora hospitalar, então conseguiu trabalhar até ter a primeira filha, a partir daí começaram os impedimentos de ter que trabalhar e exercer o papel de dona de casa e de ser mãe. Assim, ficou com medo de deixar a minha irmã mais velha com a babá e por causa disso, ela resolveu abandonar o emprego e cuidar das filhas. Desse modo, entre seguir a

carreira ou cuidar das filhas optou por ser dona de casa, assumindo definitivamente esse papel (LEONORA, 2020).

A entrevista de Alice (2020) difere das demais, tendo em vista que os esclarecimentos da mãe sobre sexo e também por abordar uma discussão emergente e necessária que é a questão do assédio da mulher no trabalho. Para Alice, “*nós tivemos uma evolução muito grande de lá para cá. Eu sempre tive liberdade para conversar com a minha mãe. Com o meu pai tudo, menos sobre sexo, eu acho que para ele já era muita conformação a gente falar sobre sexo com ele*”.

Segundo Alice, o diálogo com a mãe era tranquilo, por exemplo: “*Olha, desde pequenininha, a minha mãe falava: você vai menstruar, você vai sangrar, são tantos dias, vai ter cólica, não vai! E essa parte da virgindade, isso nunca foi um tabu com a minha mãe. Olha, quando acontecer me contem. E eu falei!*”. Alice destaca que sempre teve liberdade para falar tudo com seu pai, exceto sobre sexo, que era a sua mãe que orientava.

Alice relembra na entrevista que o pai não queria que ela saísse de casa com quinze anos para trabalhar, pois não tinha essa necessidade, diante disso ela diz:

Eu entendo hoje que o receio que ele tinha sobre minha imaturidade, porque eu só tinha quinze anos. Mas se eu não tivesse saído de casa, não teria passado pelas coisas que eu passei, eu não teria sofrido os assédios que sofri e nem teria chegado em casa chorando porque um patrão, um chefe me chamou na sala dele para perguntar se eu estava grávida porque ele percebeu que os meus quadris tinham aumentado. Certamente eu não teria passado por esses assédios. Diante disso, como poderia ter a maturidade que tenho hoje se não fossem esses problemas que vivi. Hoje compreendo-os e imagino como fui capaz de trabalhar e, ao mesmo tempo, ter a sutileza de ser educada o bastante para não agredir o patrão. Essa atitude fez-me minimizar aqueles assédios e sobreviver no trabalho, mesmo em uma situação vulnerável. Meu pai previa tudo isso (ALICE, 2020).

Alice traz à tona uma problemática vivenciada por muitas mulheres brasileiras, principalmente as mais jovens que são vítimas de assédio no trabalho pelo patrão ou pelo chefe, muitas vezes submetendo a situações vexatórias por meio de “cantadas” ridículas e insinuações sexuais, ou simplesmente pelos olhares.

De acordo com Alice, toda essa situação vivenciada por ela foi importante, contribuindo, assim, para o seu fortalecimento enquanto mulher, vejamos o que ela diz:

Entender que esse tipo de assédio acontece e iria acontecer. E para eu aprender a me defender, o meu pai sabia disso e não poderia estar presente o tempo todo ali para me defender. É claro que eu gostaria que isso fosse possível, e ele também, mas eu tive que aprender a me virar sozinha. Para esses e outros episódios que poderão acontecer, que nós mulheres precisamos estar unidas para a nossa própria defesa. Foi por essa experiência que precisei estabelecer limites e

compreender que hoje eu tenho mais condições de orientar outras mulheres e até a minha filha que está crescendo e já está entendendo que cada um pode tomar suas próprias decisões. São essas decisões que podem nos defender de todas as atitudes machistas, fazendo-nos fortes para garantir um “lugar ao sol”. Vale salientar que ninguém tem nada a ver com as nossas vidas, pois se estivermos preparadas e fortalecidas, lutaremos para garantir as decisões que forem precisas para as nossas vidas (ALICE, 2020).

Por fim, Laurinda enfatiza a presença da sua mãe na sua formação pessoal enquanto mulher, no que tange à discussão referente a sexo. Vejamos o trecho da entrevista de Laurinda:

Eu acho que mudou muita coisa porque eu me sinto mais livre para conversar sobre tudo com a minha mãe. Tem determinados assuntos que eu converso com a minha mãe e que jamais conversei com a minha avó. Sabe, era um tabu gigantesco na época dela, principalmente falar sobre sexo. Hoje eu converso abertamente com a minha mãe, pois ela me ouve, tira dúvidas, mas ela não tinha isso com a minha avó. Essas transformações não alteram a convivência. E a minha avó, coitada, ela não consegue (não sei se é a palavra certa) se adequar a esse novo mundo, a esse jeito de vermos o cotidiano da vida. Já com a minha mãe é diferente porque está aberta ao diálogo. Já como profissional nem tanto, fala o necessário apenas. Eu acho que nem tanto, mas com as pessoas na profissão, ela é mais aberta. Eu tenho meus amigos e eles me falam. Caso não pudesse conversar certos assuntos com a minha e se eu não tivesse a oportunidade de entender o que está acontecendo, eu teria medo, eu acho que não me sentiria preparada para viver o mundo atual (LAURINDA, 2020).

Da mesma maneira que compreendemos que para algumas pessoas, as transformações principalmente referentes às conversas mais íntimas, são difíceis de aceitar, pois os ensinamentos estão atrelados às maneiras como as gerações se comportam e se modificam. Por isso, é compreensível que algumas mães tiveram seus comportamentos modificados, entendendo que precisavam explicar às suas filhas e filhos assuntos ligados ao sexo, a sexualidade e tudo isso influenciou e influencia essas mulheres a terem um olhar diferente para si e para a sociedade em que vivem. Como é o caso de Leonora que teve uma avó que sempre trabalhou fora, a mãe que saiu de casa para estudar em outra cidade; já a mãe de Laurinda que trabalha fora e dá todo o suporte para que a filha compreenda a si e a sociedade na qual ela está inserida. Além delas, também temos a mãe e as avós de Luzia que sempre trabalharam e sempre se mostram acessíveis para conversar. Ou ainda no caso de Alice que tem na mãe uma aliada e também tem no pai a mesma confiança. E mesmo passando por assédios em empregos que ela teve, buscou tirar deles força para se ajudar e também para ajudar outras mulheres que passaram e passam pelos mesmos problemas. E ainda procura passar esses valores para sua filha. Por outro lado, Helga, estudante de Engenharia Florestal, comunga das mesmas situações das demais mulheres, uma vez que sempre viu a mãe e a avó trabalharem e é a partir delas que Helga se espelha.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões acerca do lugar, das transformações sociais e dos lugares que as mulheres passaram a ocupar tanto dentro de casa quanto fora dela, são fundamentadas a partir dos conceitos de transformação, de lugar e também dos movimentos sociais que deram à mulher a possibilidade de escolha, assim como os conceitos de lugar por meio do olhar geográfico, pois foi a partir desses olhares que conseguimos compreender qual/quais lugar (es) as mulheres nascidas na segunda metade do século XX passaram a ocupar dentro e na sociedade.

As discussões acerca do(s) lugar(es) originaram-se das transformações sociais sofridas pela sociedade no decorrer do tempo, principalmente sobre os movimentos feministas e como esses movimentos deram à mulher novas possibilidades, como possuir direitos civis, políticos e ter direito de escolhas. Apesar das mulheres terem conquistado direitos, ocuparem lugares tanto no espaço público quanto no privado, ainda há muito o que se fazer para que possamos assumir de maneira plena nosso(s) lugar(es) no trabalho, em casa e na sociedade efetivamente. Ainda há um caminho longo a ser percorrido, pois ainda que as mulheres transitem pelos espaços públicos e privados, algumas atividades ainda são consideradas da mulher, como o cuidar da casa, dos filhos, do marido, e essa situação ainda precisa ser muito discutida e revista para que nossa sociedade seja mais igual.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2018.

D'INCÃO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. *In*: DEL PRIORI, Mari (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004. p. 223-240.

FRANÇA, Fabiane Freire. **Representações sociais de gênero e sexualidade na escola: diálogo com os educadores**. 2014. 187 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR, 2014.

MARINHO, Samaroni Carvalho. Geografia e Literatura: esboço crítico compreensivo a um campo de estudo em discussão. *In*: SUZUKI, Júlio César; LIMA, Angelita Pereira de; CHAVEIRO, Eguimar Felício. **Geografia, literatura e arte: epistemologia, crítica e interlocuções**. Porto Alegre. Imprensa Livre, 2016. p. 274-332.

MONTEIRO, Christiane Schorr. **As conquistas e os paradoxos na trajetória das mulheres na luta por reconhecimento**, 2008. 225f. Dissertação (Mestrado em Direito) - Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Santo Ângelo, RS, 2008. Disponível em:

<http://www.dominiopublico.gov.br/download/teste/arqs/cp098527.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2022.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Ed. Letramento, 2017.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar:** a perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. Londrina: EDUEL, 2013.

Recebido em: 19 de dezembro de 2022

Aceito em: 04 de maio de 2023